

## Wilson por Freud

*Julio Mafra*<sup>1</sup>

Aprender a dizer ‘não sei’ é o começo da integridade intelectual. (Sigmund Freud)

Paciente de Freud no início da década de 1920, no final da mesma década o diplomata norte-americano William Christian Bullitt encontra Freud em Berlim, onde era embaixador. Freud submetia-se a uma cirurgia e, segundo Bullitt, estaria ‘deprimido’. Freud teria dito a Bullitt que “não lhe restava muito tempo de vida” e que “sua morte não teria muita importância”, pois “já havia escrito tudo o que desejava” e que “sua mente havia-se esvaziado”. Ao saber que Bullitt escrevia um livro sobre o Tratado de Versalhes, “os olhos de Freud brilharam e ele se reanimou bastante”, fez várias perguntas e, para grande surpresa de Bullitt, disse que gostaria de colaborar no capítulo sobre o ex-presidente Thomas Woodrow Wilson (1856-1924).

Freud teria alegado que tal colaboração o forçaria a voltar a escrever, o que “lhe daria vida nova”. Além disso, Freud teria demonstrado a Bullitt insatisfação com seus estudos sobre Leonardo da Vinci e sobre a estátua de Moisés, de Michelangelo, “por ser obrigado a tirar conclusões amplas de fatos reduzidos” e que “já vinha querendo fazer um estudo psicológico de um contemporâneo”, pois “seria possível a verificação de um incontável número de fatos”. O interesse de Freud por Wilson teria sido despertado inicialmente pelo fato de ambos terem nascido no mesmo ano de 1856.

Bullitt havia trabalhado com Wilson e “conhecia todos os seus amigos e colaboradores mais íntimos”. Para Bullitt, aceitar o projeto com Freud significava abrir mão de seu projeto atual, pois, a colaboração de Freud em um único capítulo “tornaria a parte maior que o todo”. Em 1932, com o manuscrito pronto, Freud teria alterado o texto e escrito novas passagens, às quais Bullitt fazia objeções. Os dois autores só teriam voltado a entrar em acordo quanto à forma final do texto às vésperas da morte de Freud, em 1939.

Wilson fora eleito presidente dos Estados Unidos, pelo Partido Democrata, por dois mandatos seguidos, tendo permanecido na Casa Branca de 1913 a 1921. É considerado o “pai do idealismo político” pela redação dos 14 pontos de um tratado, assinado como parte do Tratado de Versalhes, que determinaria as diretrizes da paz mundial ao final da 1ª Grande Guerra (1914-1918), tratado este considerado o “primeiro esforço diplomático global” e o “embrião” da Liga (ou Sociedade) das Nações, e que teve muitas de suas estruturas utilizadas mais tarde na criação da Organização das Nações Unidas (ONU).

Sua plataforma eleitoral era a de que os políticos “se tornassem sensíveis às populações que representavam, mostrando que estas são as mais prejudicadas com a guerra, e que as massas deviam ter uma opinião quanto à política externa do seu país”. Isto não o impediu de intervir militarmente na América Latina (invasões a Nicarágua, México, Panamá e Haiti) ou de reduzir a participação dos negros na política em diversos estados

---

<sup>1</sup> Psicanalista, Membro da Escola Letra Freudiana.

americanos, apesar de em campanha defender os direitos civis. Recebeu o prêmio Nobel da Paz em 1919. Sua proposta de paz obteve resultados contrários aos esperados: as várias concessões feitas por ele a pontos de seu tratado provocariam a 2ª Grande Guerra.

A obra é iniciada por um resumo biográfico de Wilson, seguido de uma apresentação de alguns princípios psicanalíticos e da aplicação destes ao biografado. Freud admite que sua antipatia inicial por Wilson fora acrescida de “comiseração” e “piedade” à medida em que realizava o estudo. Freud supõe que a intensidade de libido demonstrada por Wilson seria resultado da força concentrada (“de conflitos neuróticos não resolvidos”) em poucos canais – o próprio Wilson referia-se a si mesmo como uma “mente de um só trilho”: uma imensa carga de libido era armazenada no narcisismo, “mesmo a parte que obtinha descarga por objetos de amor, a ponto de Wilson sempre buscar um representante de si mesmo a quem pudesse amar e de quem não tolerava que diferisse de si” – o “tipo narcísico de escolha de objeto”.

Um fato marcante de sua infância fora a importância de seu pai, um pastor presbiteriano, enquanto o grande objeto de seu amor apaixonado – o que supõe um “esforço maior na tentativa de conciliar sentimentos conflitantes em relação ao pai do que em relação à mãe”. Os sentimentos conflitantes em relação à mãe foram mais facilmente conciliados, com os deslocamentos da figura materna para as irmãs, primas e, daí, para outras mulheres. Para Freud, “quase todos os aspectos estranhos do caráter de Wilson tiveram origem em recalcamientos, identificações e sublimações usadas por seu ‘eu’ no esforço para conciliar sua agressividade com a gigantesca passividade, ambas em relação ao pai” e aos representantes paternos: “uma parte da atividade agressiva dirigida ao pai foi recalçada, uma parte acumulada no supereu, mas nenhuma extravasada diretamente como hostilidade ao pai”.

Wilson nunca foi além da identificação (“processo de formação do supereu como substituição, com igual intensidade, ao desejo de matar o pai”) a seu “incomparável pai”: mesmos pensamentos, mesmo amor pela oratória, mesmo desprezo pelos fatos – o púlpito de Wilson foi a Casa Branca e, assim como seu pai havia feito, ele também não apresentou métodos práticos para os quatorze pontos de seu tratado de paz. O único deslocamento nesta identificação ao pai foi a decisão de Wilson, na adolescência, de não seguir os passos esperados para ele por seu pai (de que também se tornasse pastor presbiteriano) e sim de que seria como William Ewart Gladstone (1809-1898), político liberal britânico vitoriano conhecido por seus dons de orador – um deslocamento da oratória na religião para a oratória na política.

“Se seu pai era Deus, ele era o Filho Único e Bem-Amado de Deus, Jesus Cristo”, o Salvador da humanidade, ou seja, “um supereu feito à imagem do Todo-Poderoso” e que é, portanto, insaciável. Outro efeito do estabelecimento de Deus como supereu é “a criança achar que Deus está nela: inconscientemente, ela é Deus” e “tudo que ela faz está certo porque é Deus quem faz”. Diante dos fatos da realidade (ou seja, do campo do Outro), outros fatos – os da realidade psíquica – são buscados que satisfaçam as exigências do supereu. Quando Wilson completa dez anos de idade, nasce Joseph, seu único irmão (até então, tivera irmãs). Joseph servirá como dupla identificação para ele: “ao mesmo tempo em que o irmão representa o próprio Wilson idealizado, ele coloca-se no lugar de pai do irmão”. Com isto, se formaria uma ‘Santíssima Trindade’ identificatória: uma vertical, ao Deus Pai, cujo traço é a oratória; outra horizontal, ao Filho do Deus, Cristo, aquele que se sacrifica como Salvador da humanidade; e uma terceira, duplamente narcísica, ao irmão, o “Espírito Santo”.

Para Freud, não surpreende que um supereu como o de Wilson, “cujas exigências são insaciáveis, leve algumas pessoas à celebridade, visto que, para satisfazê-lo, seu possuidor busque inicialmente realizações e consiga com frequência realizar grandes coisas que não são, no entanto, suficientes para o supereu, que volta a puni-lo”. O sujeito passa, então, a “criar realizações imaginárias”. Freud identifica, no material colhido de falas e atos de Wilson, um processo de substituição de um fragmento da realidade por uma substituição de toda a realidade já a partir da volta de Wilson após a assinatura do Tratado de Versalhes e que culmina com seu “sacrifício” ao iniciar uma viagem, contra as ordens de seus médicos, para a realização de discursos públicos pelos EUA e seu (o de Wilson, não o dos EUA) “desmoronamento”. Passa o período final de seu último mandato incomunicável – sua esposa o representa e governa por ele – e assim permanece até sua morte em 1924.

A oratória é definida como um “método de discurso, da arte de como falar em público” ou, ainda, como o “conjunto de regras e técnicas que permitem apurar as qualidades pessoais de quem se destina a falar em público”, isto é, um estilo de apresentação ao campo do Outro. Desde Aristóteles (Grécia) e Quintiliano (Roma) na Antiguidade, era estudada como “componente da retórica, ou seja, a composição e apresentação de discursos, e era considerada uma importante habilidade na vida pública e privada”. Em Wilson, é um preciosismo (característico do amor cortês, do amor idealizado, impossível: não é à toa que Wilson é considerado o “pai do idealismo político”), é o “bem dito” – que difere da arte do bem dizer enquanto efeito de operação do discurso do analista – por ser uma fala que não se sustenta pelo *agieren*. Às justificativas de que Wilson não pudera cumprir sua promessa de paz, responde Freud que, se ele não sabia se poderia ou não cumprir sua promessa, então, “que não promettesse” – basta nos remetermos à carta de Freud a Albert Einstein para compartilharmos da “antipatia” e “comiseração” de Freud por Wilson.

Em Wilson, a oratória caracteriza-se como a preocupação com a forma em detrimento dos fatos e serve como o “trilho” que o situa por algum tempo entre a neurose e a psicose. Estaria na oratória de Wilson o germe do discurso da política externa norte-americana a partir de então, isto é, dos EUA, com a justificativa de que “salvam o mundo”, interferirem na política interna de países estrangeiros? Na escuta daquilo que é chamado de “discurso político”, ao quê, de dizer, tal ‘discurso’ pode apontar: até que ponto somos governados pelo Édipo dos governantes e até que ponto pode o nosso Édipo intervir no seu (dos governantes) *agieren* ?

#### Bibliografia:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/> em 25 de maio de 2011.

BULLITT, W.C. & FREUD, S. – Thomas Woodrow Wilson, um estudo psicológico. Edições Graal, 1984, Rio de Janeiro.